



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA CRISTINA PIZOLI FUTURO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Maria Cristina Pizoli Futuro

Nascimento: 11.07.1945

Local da entrevista: Escola da entrevistada

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 20.01.2015

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 52min e 49seg

Páginas Digitadas: 10 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Data de nascimento e Naturalidade; Início na dança; Metodologia e o uso da varinha; Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Aulas com o Professor Rolla; Espetáculos de Dança; Notícias dos espetáculos nos jornais da cidade; Participação no Festival de Dança de Curitiba; Bailarinos da Escola com projeção artística; Período após a formação o contato com o Professor Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 20 de Janeiro de 2015. Entrevista com Maria Cristina Pizoli Futuro a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

M.F. – Maria Cristina Pizoli Futuro.

M.C. – Qual tua data de nascimento?

M.F. – 11 de julho de 1945.

M.C. – Qual teu estado civil?

M.F. – Sou divorciada

M.C. – Tu tens filhos?

M.F. – Tenho uma filha.

M.C. – Qual tua formação profissional?

M.F. – Eu sou formada em letras com pós-graduação na PUC.

M.C. – Qual tua naturalidade?

M.F. – Eu nasci em Porto Alegre. Eu morava na Rua Hilário Ribeiro. O meu avô era dono da rádio Difusora. Eles vieram da Itália e eu sou a única que não tem passaporte italiano [risos] e o meu avô montou a rádio Gaúcha até eu tenho que fazer esse registro porque eu fui lá na rádio Gaúcha e estava lá: rádio gaúcha a partir de 1957. E quem fundou a rádio foi meu avô. Eu tenho foto dele comprando a rádio Gaúcha. Ele montou a rádio difusora primeiro, a primeira rádio daqui e depois ele comprou a rádio Gaúcha e depois foi vendida para o grupo RBS pelo meu pai e meus dois tios, pois ficaram os três donos com a morte do meu avô em 1950. Meu avô morreu com 49 anos. Meu avô era dono da indústria de peixe, era sócio proprietário da Casa Vitor, e da Casa Coats que era uma casa de vendas de eletrônicos lá no centro. Ele é um cara batalhador. Mas todo mundo na família era envolvido com arte. Minha mãe, por exemplo, era quem declamava no grupo do colégio dela. Ela declamava para o Sevigné inteiro. Minha mãe se chamava Mercilda Pizoli Futuro. Os Pizoli eram de uma classe privilegiada, os Futuro eram trabalhadores e

estudiosos meu avô até já era dentista. Meu pai, Breno Futuro, era formado em odontologia. Minha mãe veio de Pelotas. Meu avô e minha avó se encontraram em Pelotas. Ele, quando imigrante, chegou em São Paulo. E o lado dos Futuro eles eram de Rio Grande, fazendeiros. A minha mãe nasceu em Pelotas eles se mudaram para Porto Alegre. Eu nasci em Porto Alegre e tenho um irmão que mora no Rio de Janeiro que também nasceu em Porto Alegre. Ele foi para o Rio de Janeiro porque ele era aviador comandante da Varig. Ele foi para o Rio com 19 anos e mora até hoje lá. Então eu morava naquela casa na Rua Hilário Ribeiro, uma casa meio roxa, do lado do Banco Itaú. Essa casa era do meu avô e das três filhas dele. Ali eu vivi até os vinte anos. A gente tinha um poder aquisitivo muito grande e aí meu avô morreu com quarenta e nove anos e os genros com vinte e cinco, vinte e seis anos tomaram conta. Meu pai chamava Breno Martins Futuro e foi dono das rádios Gaúcha, Itaí e da Caiçara. Tudo ligado... a família inteira era ligada com a arte. Meu pai tocava violão, minha mãe tocava divinamente piano. Meu pai dizia assim: “a tua mãe nasceu para o piano e tu para a dança.”

M.C – Gostaria que tu falasses sobre teu início na dança?

M.F. – Eu iniciei com três anos na dona Tony¹. Eu estudei dos três aos seis anos com a Tony que era a minha própria professora. A Tony me dava aula. A escola era no Teatro São Pedro porque depois ela mudou para Cristóvão. Eu saí da dona Tony porque o horário era ruim para minha mãe e o Rolla estava abrindo a escola dele.

M.C. – O professor Rolla lecionou na Tony. Ele te deu aula lá?

M.F. – Não. Ele não me deu aula na escola da Tony. Ele me deu aula na escola dele que era lá no centro na Rua Marechal Floriano. Que eu me lembre, eu era muito pequena, a Tony estava com problemas de horário para mim. Porque eu estudava no Colégio Bom Conselho e com o horário do colégio não dava. Então eu fui pro Rolla indicado pela Dona Tony. A Tony foi muito amiga da minha mãe e continuou sendo muito amiga da minha mãe tanto é que eu fui noiva do filho da Tony. Eu estudava com a Tony e adorava a Tony. A Tony era muito exigente e o Rolla também. Eu me lembro que a gente dizia: “Aí eu tô ficando tonta fazendo essa linha girando!” E ela dizia assim: “mas é preciso ficar tonta e se tu cair, quando cair tu vai aprender!” Eu lembro que ela dizia assim, e isso é uma coisa que eu acho fantástica! Eu entendi que a gente só aprende quando a gente batalha. Porque

¹ Antônia Seitz Petzhold.

senão a gente não aprende. Porque é assim na dança. E então a primeira coisinha que eu fiquei tonta eu vou parar? Tu não vais a lugar nenhum! Aprendi muito com ela dona Tony era uma mulher muito inteligente. E esse negócio de dizerem assim que os professores davam de vara pra mim é tudo mentira. Eles tinham uma varinha que eles tocavam nos alunos que eu acho que é muito prático porque hoje tem que se abaixar pegar o pé da criança levantar. Porque ai de ti se tu tiveres uma varinha na mão hoje em dia!

M.C. – Quando tu falas “eles” estás me dizendo que dona Toni também usava essa varinha?

M.F. – Sim e o Rolla também tinha! E era normal! Então eles apontavam a varinha e diziam: “estica o pé! Levanta as costas!” Mas era uma coisa assim de só encostar a varinha! “Olha a cabeça! Olha o queixinho! Olha a nuca levantada!” E vem dizer isso pra mim? Nunca ninguém me bateu de vara!

M.C. – E quando tu estudou na escola do professor Rolla?

M.F. – Eu fiz todo o curso de balé com ele. Eu me formei em 61. E eu ainda fiz um ano quando ele se mudou para o Auditório Araujo Viana.

M.C. – E como ele era como professor?

M.F. – Eu achava ele maravilhoso! Ele era muito correto. Ele dava aula como eu aprendi. Ele usava o mesmo esquema da dona Tony a escola francesa misturada com a escola russa. Não era um método puro. Então a gente conhecia tudo. Era barra, era centro, alongamento. Começava a aula com a gente se alongando, aquecendo, caminhando, tinham exercícios de barra. Então tinha aquelas alunas que puxavam. Eu realmente sempre fui uma que estava na frente. Tinham duas ou três alunas que eram as mais interessadas não vou falar destacadas porque eu acho feio. Elas eram as mais interessadas que gostavam e queriam entender alguma coisa sobre dança. Então eu fazia parte dessas. Eu adorava dançar. Sempre adorei dançar.

M.C. – E o que significava dançar na escola de João Luiz Rolla naquela época?

M.F. – Existia uma diferença entre a Tony e o Rolla. A Tony montava na época muito balé de repertório, fazia muita coisa de criação também. Mas o Rolla eu acho que se especializou nessa parte de criação e ele não fazia balé de repertório. Muito raro! Eu não

me lembro do Rolla com balé de repertório. Ele montava o sistema dele! Como eu monto hoje. Isso é uma coisa que eu tirei muito dele pra minha escola. Eu dou aula de repertório para as crianças cada vez menos porque o balé está perdendo muito por causa do hip hop. Por causa do jazz. Eu fiz jazz com Lennie Dale eu fiz horrores de jazz nos estados unidos, em Paris, em vários lugares. Mas a base tinha que ser o balé. E agora eu vejo, não vou dar o nome de escolas porque eu acho feio ficar queimando escolas, mas eu vejo muita gente, por interesses financeiros para ter alunos, eles começam a dar jazz para crianças de seis, sete, oito anos. Então eu aqui na escola, até foi a minha filha quem inventou, porque eu estive em uma de nossas viagens para aperfeiçoamento em dança eu estive em Cleveland e ela fazia fisioterapia e balé em Cleveland. Nós estivemos em Las Vegas e lá estava o Cirque du Soleil estreando. E eles tinham os ligantes, os trapézios, as liras no meio de um hotel no corredor e a gente fez aula ali e hoje eu tenho dança aérea aqui na escola pra ver se libera as crianças um pouco deste jazz.

M.C. – Então nós falávamos sobre a criação ser muito forte no professor Rolla...

M.F. – Era muito forte. Mas balé era balé. Todo mundo estudava balé. Eram poucas pessoas que estudavam porque eu me lembro que na minha aula pouquíssimas pessoas fizeram... até fizeram, mas pouco tempo. Algumas fizeram com a Tony, com a Salma, e a minha geração não é daquela turma antiga. Vamos dizer que no balé a dona Tony já era segunda geração a primeira era uma professora antes a Lya². E o seu Rolla veio logo em seguida vamos dizer que ele era da mesma época mais um pouquinho depois que a Tony porque ele tinha quase a mesma idade que ela. Mas é que o homem começa mais tarde sempre a dançar.

M.C. – Gostaria que tu me falasses sobre os espetáculos?

M.F. – O seu Rolla era super criativo. Todos os espetáculos dele eram diferentes. Ele sabia o que ia fazer, mas ele começava a ensaiar só em agosto e antes disso ninguém sabia nada. Porque o ensaio para o espetáculo começava três meses antes. Por que tem que dar aula durante o ano! Quem começa a ensaiar desde o início do ano está errado! Eu posso até pensar agora no tema para o espetáculo, eu gostaria de fazer isso ou isso... mas ter que dar aula. E em primeiro lugar tem que ver que atualmente é mais difícil, naquele tempo uma menina entrava e continuava. Eu também tenho várias que entraram e continuaram até se

² Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz.

formar mais algumas vão e voltam. E agora quando as meninas chegam aos onze anos elas começam a querer andar de skate e assim uma vai pela outra. Eu tenho uma turma inteira que era maravilhosa que estão todas fazendo hip hop e skate uma já quebrou a perna inclusive. Então naquela época ele tinha que ver no início quantas alunas teriam porque muitas vezes também as alunas mudavam de colégio, mudavam de horário, de turma, iam para a manhã ou tarde. Como acontece até hoje. No espetáculo Grand Canyon Suite eu era a chuva. Três meninas eram a chuva. Então ele criou essa coreografia na aula um pouquinho com uma, ensaiava um pouquinho com a outra, e a gente marcava todas as coreografias que ele dava. Na época do espetáculo Assassinato na décima avenida eu ainda era menina. Eu dancei, mas eu não fui do papel principal. Porque as principais eras da turma das mais velha a Diana, a Manon, a Maria Thereza, Zelira... o Rolla não dava muito destaque, mas a Zelira era uma pessoa muito destacada. Ela mesmo se destacava ela fazia os famosos trinta e dois fuetés e ela era um amor. Nós sempre dançamos no teatro São Pedro tanto é que até hoje eu levo a minha escola para dançar no teatro São Pedro porque eu me criei dançando no teatro São Pedro porque pra mim aquele é o único teatro de Porto Alegre. Eu comecei com a Tony estudando lá dentro. Porque a escola era dentro do teatro São Pedro. Os pais adoravam o espetáculo, todo mundo adorava o espetáculo. As críticas nos jornais eram construtivas e importantes porque lá, aliás, na época tinha muito mais críticos de balé. Quando eu abri a minha escola eu tenho várias reportagens no jornal e agora é muito difícil. Não tem mais um crítico de balé, Tu coloca propaganda do teu balé no jornal. Anuncia quando vem um balé de fora... mas hoje não existe mais isso de críticos... a arte decaiu muito neste aspecto. Eu acho que tem duas coisas muito erradas hoje em dia: os colégios estarem dando aula de balé por que quem vai dar aula de balé é um professor secundário. Eu tenho várias professoras aqui que vem tirar curso comigo inclusive da praia que receberam o trabalho do governo para manter uma escola na praia que não sabem nada. Não sabem nem o que é um plié! Então eu estudei música eu tenho curso de quinze anos de música. Estudei piano sabia teoria, sabia solfejo, sabia como usar a música. Então eu ensino eu dou para minhas crianças aula de música, compassos... antes de elas dançarem qualquer coisa eu mostro a música elas veem de quem é o compositor, quem é o coreógrafo para fazer a coreografia, eu falo alguma coisa sobre o compositor para elas, e o compasso. Ela devem saber se o compasso é binário, ternário, quaternário, binário composto, os mais simples.

M.C. – Tu lembras de criticas sobre os espetáculos nos jornais da cidade?

M.F. – Que eram lindos! Todo mundo, que eu saiba, adorava os espetáculos do Rolla. Era muito bonito!

M.C. – Em relação às outras escolas o que significava dançar na escola do professor Rolla?

M.F. – Tinha a dona Tony que era muito famosa que fazia mais estrelas e o Rolla funcionava mais com a quantidade de alunos todos iguais, num conjunto. Dona Tony se especializava mais em fazer estrelato.

M.C. – Gostaria que tu falasse sobre a participação no Festival de Dança de Curitiba.

M.F. – Nós fomos convidados para ir na inauguração do Teatro Guaíra no primeiro Festival de Dança de Curitiba. Então nessa data para este Festival o Sérgio Alfredo Petzhold foi convidar a gente para ir participar e ele foi convidar a escola do Rolla e pediu que eu fosse também. Ele veio convidar pela dona Tony. Dona Tony também foi com um grupo nós fomos no mesmo ônibus a escola da dona Tony e a escola do Rolla. Era o primeiro encontro de escolas de dança do Brasil e a inauguração do Teatro Guaíra que foi de 5 a 10 de setembro de 1962 e várias escolas foram. Nós ficamos juntos no mesmo hotel. O Rolla levou duas coreografias uma era Assassinato na décima avenida e a outra em pontas, mas não lembro o nome. Aí eu não fazia parte do Assassinato porque eu era menina e eu acho que eu não dancei o assassinato aqui em Porto Alegre só dancei lá em Curitiba. O Assassinato na décima avenida era em meia ponta e era um balé contemporâneo. Eu tenho fotos desta viagem...

[Interrupção da entrevista: a entrevistada mostra alguns álbuns de fotos de onde separo 34 fotos]

M.C. – Estas fotos são muito importantes! Tu gostarias de disponibilizar para repositarmos Maria Cristina? Tu autorizas?

M.F. – Sim, eu empresto para copiar e pode divulgar sim.

M.C. – Bem então continuando tu tens alguma colega que teve projeção artística na dança?

M.F. – Erenita Parmeggianni que teve escola em Canoas e as filhas dela continuam o trabalho dela, a Isabel Beltrão do Balé Redenção, a Elizabeth Gutierrez me dou muito com ela. Inclusive a Beth tem uma filha que tem uma escola de balé na Europa. Tem escola e mora lá. Então a Beth viaja muito pra lá.

M.C. – Após a formatura tu continuou na escola?

M.F. – Eu estudei mais uns anos com o Rolla aí quando eu conheci o Sérgio, depois que eu já estava formada uns três anos depois, e aí eu fui pra dona Tony que eu estava namorando o filho dela e isso foi em 63. Então eu fui e fiquei estudando até abrir a minha escola é um tempo depois também. Depois terminou este noivado, casei em 69 e abri minha escola em 75. Depois que me formei ainda fiz parte de um grupo do grupo experimental de dança que depois a dona Tony tomou conta desse grupo até quando eles dançaram Carmina Burana que foi inclusive proibido na PUC. Eu fui convidada pra dançar, mas eu não dancei. Dancei outro espetáculo que a Cecy Frank fazia e aí quando eu abri a minha escola eu continuei na Tony de 63 até 75. O Rolla entendeu por que ele disse tu estás namorando filho dela! E a dona Tony dava muito aperfeiçoamento. O Rolla tinha o ensino básico e ela o aperfeiçoamento. E eu fui tirar esse curso de aperfeiçoamento com ela.

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

M.F. - Eu me formei em letras para lecionar francês. Queria ser tradutora intérprete ou tomar um cargo na embaixada. Era essa a minha meta e paralelo era a dança. Eu gostava de dançar, mas eu nunca pensei em abrir uma escola. Mas aí quando eu tive que me resolver eu resolvi pela dança e abri a escola. E isso eu devo a dona Tony e ao seu Rolla. E do seu Rolla eu peguei toda essa parte de criatividade que eu achava ele fantástico em criatividade. Eu achava o Rolla maravilhoso mesmo. Sempre gostei muito dele, mas muito mesmo. Para mim ele era um ídolo. A minha mãe também fez aulas com o Rolla. Tinha uma época que eu fazia aula e ela também fazia. Uma era uma hora depois da outra. Eu sempre gostei muito do Rolla, muito da turma, muito de tudo. Foi uma época da minha vida que eu não esqueço. Tanto é que eu continuo no mesmo ramo e quando eu abri a escola foi a maior felicidade era o seu Rolla estar junto. Ele sempre assistiu os meus espetáculos e sempre me deu opiniões. Eu sempre perguntava para ele qualquer coisa. Eu tinha dúvidas de qualquer coisa, eu tinha problemas, eu perguntava para ele. O seu Rolla

foi assim um amigo querido. O meu pai se dava muito com ele. Porque eles eram da mesma idade mais ou menos... não sei se o seu Rolla era um pouquinho mais velho que meu pai. E eles eram de uma turma ali da Praça da Alfândega todo mundo se reunia ali. Então meu pai conhecia muito o Rolla e gostava muito dele. Esse campo da arte era muito prestigiado na família e as minhas colegas do Colégio Bom Conselho até se admiravam por que todas faziam balé, mas eu levava o balé muito a sério. Minha mãe levava a sério também. A minha mãe ajudava muito pra comprar os figurinos. Uma época a mãe da Zelira fazia os figurinos e a minha mãe ajudava, dava palpite de comprar os tecidos da turma, mas a mãe da Zelira foi à costureira. Minha mãe nunca foi costureira, ela ajudava porque ela gostava. Minha mãe gostava de estar nessas coisas. Tudo que era artístico e social ela gostava. Em 1980 iniciei minha especialização no método russo Vaganova com Sacha Svetloff que me foi apresentado por Mabel Silveira que era diretora do Teatro Colón. Aplico na minha escola o método Russo Vaganova do Kirov.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]